

— 31 —

cesse a indispensável reforma constitucional, que tornará possível a mudança da Bandeira Nacional.

Era a interpelação que desejava fazer a V. Exa., Sr. Presidente. *(Muito bem)*.

O SR. PRESIDENTE — O nobre Deputado Herbert Levy coloca sua questão de ordem em termos de interpelação à Mesa sobre se um ato do Sr. Presidente da República que, altera símbolos da Bandeira Nacional, importa em transgressão constitucional, tendo em vista a competência expressa desta Casa e da outra Casa do Congresso. A Mesa vai recolher a promoção de S. Exa. como questão de ordem suscitada em presença de preceito constitucional para, na sessão de amanhã, da Mesa, na forma do Regimento desta Casa, decidir sobre a matéria e submetê-la à Comissão de Constituição e Justiça.

O SR. HERBERT LEVY — Muito obrigado a V. Exa.

O SR. PRESIDENTE — Com a palavra o nobre Deputado Ruy Ramos, que se encontra na tribuna.

O SR. RUY RAMOS — * — Senhor Presidente, Srs. Deputados, inicialmente, antes de quaisquer outras considerações, desejo confessar a emoção com que falo, pela primeira vez, no Grande Expediente do Congresso do Brasil, em Brasília.

É que, Senhor Presidente, dirigindo-me ao Brasil, de Brasília, com o teto do Congresso Nacional aberto, tenho a impressão de que falo realmente ao meu País. Sinto-me, neste momento, em Brasília, no Congresso, com o nosso teto em ângulo aberto para receber as manifestações do nosso País, como se eu fora mais representante do povo aqui em Brasília. Esta, a minha primeira impressão. Eu, pessoalmente, me sinto mais representante do povo do Estado que represento, o Rio Grande do Sul. Nunca antes me senti tão Deputado como hoje, mais autêntico delegado de

quase quarenta milhares de gaúchos, que tiveram a boa vontade e a confiança de me enviar à Câmara dos Deputados. O primeiro comentário que posso fazer sobre Brasília, é este: aqui um Deputado é mais Deputado, pois sente-se mais radicado na realidade nacional, é mais parte da geografia humana, política e econômica do meu País. Esta a primeira impressão.

A segunda impressão que tenho na tribuna da Câmara dos Deputados, com o seu teto simbólico voltado para recolher os anseios nacionais, é de que o meu País é maior em Brasília. Tenho a impressão de que vivo realmente a grandeza geográfica do Brasil. *(Muito bem)*. Não sei se me engano, se é apenas impressão pessoal minha, mas nas grandes metrópoles brasileiras se tem completa consciência e sensibilidade da grandeza do meu País. Aqui, não! Em Brasília, no coração do sertão brasileiro, sinto ao vivo o que é o meu País, esta extensão imensa aberta a possibilidades verdadeiramente infinitas na América Latina.

Em toda a História, a grande preocupação dos governantes foi ampliar fronteiras e, no passado, era comum e normal que os governantes mobilizassem forças armadas para dilatar as lindes geográficas dos seus países. Nas épocas em que a violência era permitida nas relações oficiais e políticas todos os governantes tinham essa tendência, que ia ao encontro inclusive do desejo dos povos que eles governavam, quer fossem impérios, quer, depois, repúblicas ou quaisquer outros tipos de governo. O povo exigia conquistas, e as guerras então eram guerras de conquista. Um governante, imperador ou presidente, sentia-se até desmoralizado, sentia-se não realizado, se, no seu período de governo, não pudesse mobilizar tropas e invadir a vizinhança para ampliar as fronteiras geográficas do seu país. Glorioso eram aqueles que podiam fazer isso, anexando áreas geográficas vizinhas para

* Não foi revisto pelo orador.

— 32 —

aumentar a grandeza, o poderio militar e econômico de sua nação.

Hoje, há outras formas de extensão de fronteiras, como a conquista dos imensos desertos, de áreas inóspitas e improdutivas é uma prova autêntica e moderna.

Brasília fez mais do que isto em matéria de extensão geográfica. Além de anexar novas fronteiras à economia do Brasil, realizou alguma coisa nova, porque efetivamente, ampliou as fronteiras mentais deste País. Para mim a maior obra sociológica de Brasília é a ampliação das nossas fronteiras mentais. O Brasil, pelos seus governos, se habituara a um determinado gabarito geográfico e econômico. E houve muita gente que entendeu que acima desse gabarito era impossível construir. Também o nosso povo, exatamente em consequência dessa posição mental dos governos, se acostumara a ver e receder o Brasil como era, dentro de possibilidades mais ou menos estreitas, submisso...

O Sr. Fernando Santana — Sobretudo!

O SR. RUY RAMOS — ... e incapaz de compreender as possibilidades deste País e do seu povo, na existência da América Latina.

Para mim, a maior função de Brasília é esta: amplia os horizontes mentais deste País.

Agora já sabemos que podemos fazer algumas coisas muito grandes. O governo resolveu tentar essa experiência e correr esse risco. E o povo esperou, colaborou e aplaudiu. Neste momento a ampliação das fronteiras mentais brasileiras não é apenas um privilégio de governo. É também uma conquista do povo, que anexa ao seu patrimônio moral essa atitude de consciência, de que pode realmente vencer determinadas etapas no seu desenvolvimento.

A minha terceira impressão do fenômeno da mudança é o que diz respeito ao sacrifício que o Brasil realiza nesta hora. Uma das alegações mais fortes que se fizeram contra Brasília, era relativamente

ao sacrifício que se impunha ao povo brasileiro para saber-se se este povo, na conjuntura em que vivemos, estava em condições de suportar a mudança e os investimentos que a mesma exigia.

Tive o privilégio e a tristeza de ver povos em sacrifício. Visitei a Europa logo após a guerra e vi velhas nações em estado de total sacrifício. Vi nações destruídas. Vi a Alemanha, esse modelo de trabalho, de disciplina e de produção, reduzida a escombros.

Berlim, além de perder uma grande área urbana, perdeu um milhão de pessoas nos bombardeios aéreos. Desse milhão de alemães de Berlim desaparecidos apenas foram identificados 300 mil pessoas. Os pais não souberam dos filhos. Os filhos, dos pais. Os casais se perderam. A vida da sociedade conturbou-se pelos bombardeios indiscriminados. E assim construções, universidades, catedrais foram destruídas.

Estive na Catedral de Berlim e vi aquele espetáculo dantesco que nunca antes imaginara. Pensei antes que a destruição de um bombardeio fosse normal, comum, como uma casa que cai. Mas não. A destruição por bombardeio aéreo é alguma coisa diferente, dantesca, diabólica. Eu diria: é uma bomba que vai aos alicerces de uma casa e afeta a construção toda, formando até desenhos e arquiteturas macabras. Assim vi a catedral de Berlim.

Além disto, o bombardeio aéreo incendiou os vegetais e destrói os arvoredos. E Berlim, que era famosa pelos seus grandes parques, estava incinerada pelos bombardeios aéreos.

Vi ainda a Itália destruída. Vi a França bombardeada. Vi a Inglaterra destruída em riquezas formidáveis do seu patrimônio arquitetônico e econômico.

Mas a impressão do que observei lá, no meio daquele sacrifício e que não se pode narrar, foi a inutilidade do sacrifício. Aquelas destruições, aquele sacrifício de povos

— 33 —

era coisa morta, porque não produziu nenhum juro. Era um sacrifício completamente desproveitado, porque não tinha repercussão.

De modo que, para os que se impressionaram e se impressionam com o sacrifício que o povo brasileiro está fazendo com a interiorização do seu governo, quero dizer desta tribuna que a mudança e o sacrifício são para viver. — (*Palmas*).

O nosso sacrifício aqui repercutirá em vida, em desenvolvimento, em estímulo, em afirmação de um povo que cansou de ser escravo na sua história e agora quer caminhar entre os grandes povos do mundo.

O Sr. Osvaldo Lima Filho — V. Exa. salientou com absoluta propriedade e oportunidade esse aspecto fundamental da construção de Brasília: da utilidade do sacrifício que poderia ter sido imposto ao povo brasileiro para a construção no Planalto Central do novo centro administrativo do País e a interiorização da nossa Capital. V. Exa. também falou com muita felicidade nas despesas militares, nas lutas da Europa, porque, quando vemos os povos mais adiantados da civilização com responsabilidades homogênicas, quase inutilizam grande parte da sua riqueza numa corrida armamentista...

O SR. RUY RAMOS — Esse o grande argumento que iria acrescentar e que V. Exa. me honra em antecipar. Esse é um grande argumento.

O Sr. Osvaldo Lima Filho — Estou vendo que coincidimos perfeitamente em nossos pontos de vista.

O SR. RUY RAMOS — Permite que V. Exa. o use totalmente. Se V. Exa. desejar, não o usarei.

O Sr. Osvaldo Lima Filho — O argumento é de V. Exa. Lamento ter-me adiantado. Mas é tal a coincidência de pontos de vista que chegamos a encontrar esse mesmo denominador. Quando essas nações com responsabilidades homogênicas entram em duelo arma-

mentista, sabendo nós que um simples "missel", um mero foguete custa mais que o Orçamento de toda a Nação brasileira, verificamos quanto sacrifício que poderá ter realizado o povo brasileiro é útil, é benéfico, é grandioso, é patriótico. Mas há ainda um aspecto que me permito ressaltar e que surge também da comparação feita por V. Exa. de que toda essa realização aqui feita, todo o trabalho imenso dos candangos, da administração, do Congresso que não negou nenhuma providência para a interiorização da Capital, terá sido realizada dentro do absoluto respeito ao regime democrático. (*Muito bem. Palmas*). Não precisamos adotar o regime totalitário da eficiência, com sacrifício da liberdade, porque estamos realizando com eficiência dentro da liberdade.

Outra impressão que tenho, decorrente destas, é a da integração nacional, que afinal eu vi em Brasília. Na luta do meu partido, na ideologia trabalhista que procuramos traduzir em realidade a nossa grande preocupação é a integração social. E se pudéssemos resumir e conceituar o Partido Trabalhista Brasileiro como ideologia, diríamos que o trabalhismo é um movimento de integração social.

Aqui assistimos a esse espetáculo novo de harmonia de integração entre a mais completa e perfeita competência técnica e científica, de um lado, e o braço trabalhador, espontâneo, de outro lado. Aqui nós assistimos à realização desses dois notáveis técnicos, aos quais eu chamaria artistas nacionais, o Senhor Oscar Niemeyer e o Sr. Lúcio Costa. Estes homens — e ainda hoje de manhã comentávamos com o meu ilustre companheiro e amigo, Deputado Leite Netto — tiveram essa oportunidade para na vida de um técnico ou de um artista, porque, por maiores que sejam os técnicos e os artistas, é difícil que as condições lhes permitam concretizar, tão completamente, os seus objetivos nesse cam-

— 34 —

po. Aquilêles tiveram a mais plena liberdade. Foi a arte brasileira que se pronunciou em Brasília; foi a técnica da engenharia e da arquitetura brasileiras que já assombraram o mundo antes de Brasília, que já impressionavam a técnica universal antes de Brasília, que tiveram aqui a sua plenitude. E, por outro lado, o trabalhador braçal, indiscriminado, o homem que veio do Centro, do Sul, do Norte, do Leste e do Oeste: — ninguém sabe de onde veio — e que aqui chegando analfabeto, ajudante de pedreiro, egresso da vida rural, se fez técnico especializado e trabalhou em tudo: em eletricidade, em iluminação, em colocação de materiais finíssimos, em aparelhagens as mais complicadas, em pintura. E não há lugar, nem casa, nem rua, nem instalação nesta Capital onde não esteja o esforço, a capacidade admirável e a inteligência espontânea, exemplar do trabalhador nacional.

Li, recentemente, um dos grandes livros de um escritor norte-americano, de todos nós conhecido, Luis Bronfield, grande agricultor, notável técnico da terra, lá e aqui, que deixou nas vésperas da sua morte, no livro de sua autoria: "Eu e a Terra", a afirmativa de um fato que me deixou surpreendido. Reii para ver se eu não estava enganado. Diz êle que, com 15 anos de atividade agrícola nos Estados Unidos da América e no Brasil, a sua experiência e o seu testemunho é de que três trabalhadores norte-americanos compensam um trabalhador brasileiro, ou seja, um trabalhador brasileiro vale três trabalhadores norte-americanos.

Muita gente poderá pensar que isto seja uma impropriedade, mas Luis Bronfield, com tôda a sua autoridade de pensador, escritor e técnico em agricultura justifica, em três páginas, por que motivo o trabalhador brasileiro, cada um vale por três trabalhadores norte-americanos.

Homem brasileiro sem máquinas, homem brasileiro sem técnica, lu-

tando com concorrente armado de máquinas, para tudo...

O Sr. Fernando Santa — Permite V. Exa. um depoimento sobre êsse assunto?

O SR. RUY RAMOS — Nos Estados Unidos há determinada máquina para cada detalhe da atividade humana e, no Brasil, não há nada a não ser a inteligência espontânea do trabalhador nacional.

O Sr. Miguel Bahury — O trabalhador brasileiro equivale a uma enciclopédia. Isso honra o solo e à Pátria.

O SR. RUY RAMOS — Perfeito. Esse homem enciclopédico aqui se integrou, afinal, na realidade brasileira ao lado dos maiores técnicos e construiu isso que está sendo chamado a obra do século.

Ouço o Deputado Miguel Bahury e o Deputado Fernando Santana, pedindo que sejam breves.

O Sr. Miguel Bahury — Agradeço a V. Exa. a honra do aparte. Vossa Excelência situou muito bem a sua posição ao declarar sentir-se mais legítimo representante do povo aqui em Brasília, do que em qualquer outra parte do território nacional, porque Brasília, conforme V. Exa. bem o disse, penetra o coração desta Pátria estremecida, ligada que está por essas artérias vitais, as estradas, que nos dão comunicação de Norte a Sul e de Leste a Oeste, assim permitindo, não só ao Governo, como a Vossas Excelências, principalmente de outros Estados, sentirem melhor não apenas as necessidades dos homens do Norte e do Nordeste brasileiro, mas aquilo que o Norte e o Nordeste podem realmente oferecer ao País inteiro, através de sua capacidade produtiva e da fertilidade de seu solo, que só pode ser explorado se bem conhecido pelos poderes competentes da República. Não tendo a honra de pertencer a um Partido Trabalhista, como V. Exa., mas sendo no meu partido um dos que melhor entende o valor do trabalhador brasileiro, posso render uma homenagem a

— 35 —

esses homens, aos quais, tanto quanto a Lúcio Costa, como a Oscar Niemeyer, devemos essa obra monumental que é Brasília, a qual nos dará fatalmente, em futuro próximo, a certeza de que o sacrifício desses mesmos trabalhadores foi bem empregado, homenagem que devemos estender aos institutos, dos quais são associados, que nos proporcionaram habitações para o nosso bem-estar, sem entrar em detalhes comzinhos de falta de conforto, pois nós, do Norte e do Nordeste, não conhecemos conforto, se não as necessidades do povo, que não tem tido até hoje um mínimo daquilo que os colegas reclamam sem razão, porquanto se tivessem vindo antes teriam a mesma condição de conforto que eu, tal qual outros companheiros mais previdentes, agora dispomos.

O SR. RUY RAMOS — Quero acrescentar mais um comentário, para não perder a ordem do raciocínio desenvolvido por V. Exa. E' o que diz respeito...

O Sr. Fernando Santana — Gostaria de apartear V. Exa. justamente na oportunidade em que se referia ao testemunho de Luis Bromfield, pois desejaria incorporar, ao do referido escritor, o de um técnico de alta qualidade, o Senhor Lewis, que chefiava na Bahia a "Drilling and Exploration", companhia americana especializada em petróleo. Esse homem, perito na matéria no mundo inteiro, escreveu no segundo relatório dirigido à companhia, sobre as possibilidades do homem brasileiro, que jamais, em parte alguma do mundo, onde tivesse feito explorações petrolíferas, encontrou elemento com capacidade de aprender diferentes assuntos. Citou o exemplo, que classificou assombroso, de um negro analfabeto, que com apenas 6 meses de experiência no almoxarifado da "Drilling" conseguiu aprender 15.000 termos em inglês, quantos havia nos livros do almoxarifado. Este testemunho sóma-se ao de Luis Bromfield.

O SR. RUY RAMOS — Abordarei, neste instante, um aspecto, qual seja o que diz respeito a investimentos. Entendo que o Brasil é hoje o País dos investimentos. E' aquela área de economia que permite e oferece melhores condições para o investimento.

Nós, nacionalistas, temos condicionado o uso e o aproveitamento do capital estrangeiro à dependência de que ele venha e fique. Para nós, capital estrangeiro aceitável é aquele que venha e permaneça, que venha com a intenção de ficar, e não com o objetivo de lucrar e voltar. Mas a verdade é que nós nacionalistas assistimos neste País a uma tremenda contradição entre as forças dominantes, que querem também que o capital venha e fique, e a atitude que até então mantínhamos, nós, nacionais, de não irmos. Não dávamos o exemplo de ir e permanecer, porque os capitais brasileiros não estavam dispostos a grandes inversões nestas formidáveis áreas rurais abandonadas do País. Se era para investimentos imobiliários, urbanos, metropolitanos, aí, sim, o capital nacional estava muito disposto a contribuir e inverter-se, porque a renda é imediata, mas, cada vez que se falava em inversões agrícolas para despertar a grandeza parada deste gigante que dormia, não havia muitos capitais nacionais dispostos a tomar esta decisão. Agora, é diferente. Agora podemos oferecer condições ao estrangeiro e ao nacional, porque estas áreas estão fecundadas, valem alguma coisa, são valor econômico que o Brasil pode oferecer ao capital indígena e externo.

Visitou-nos, na solenidade de inauguração de Brasília, o Presidente do EXIMBANK. Esse notável homem de negócios, conversando com um amigo meu do Rio Grande do Sul, afirmou: "Um País, como o dos Senhores, que em três anos realiza esta obra, transfere estes recursos para a terra dos Senhores, deve passar agora a merecer maiores considerações de nós,

— 36 —

que estamos lá fora, e temos recursos para inverter no Brasil”.

O Sr. *Tristão da Cunha* — Vossa Excelência falou em sacrifício. Queria apenas lamentar que o sacrifício tenha sido feito apenas pelos pobres, pelos assalariados.

O SR. RUY RAMOS — Estou certo de que o sacrifício, como disse o Presidente Getúlio Vargas, nos manterá unidos. O sacrifício que vamos fazer terá o mérito de nos manter unidos pela grandeza do nosso País.

O Sr. *Pedro Viágal* — Meu prezado amigo, Deputado Ruy Ramos, V. Exa. bem sabe que a verdade, quando não é total, não é verdade. Uma verdade diminuída é uma verdade sacrificada, é uma verdade exagerada, é uma caricatura da verdade. A verdade é aquela adequação da inteligência à realidade segundo a definição do Santo Tomás de Aquino. Tudo quanto Vossa Excelência, com os entusiásticos aplausos de todos nós está dizendo do alto dessa tribuna, de maneira belíssima, encantadora e oportuna, é verdade. Porém, até agora não é a verdade total. Brasília, Senhor Deputado, não é apenas a obra dos operários brasileiros, não apenas a obra dos técnicos, entre os quais avultam as respeitáveis personalidades de Niemeyer e de Lúcio Costa. O que V. Exa. naturalmente sente e irá dizer — e talvez eu me esteja antecipando ao seu pronunciamento — é que Brasília, sonhada pelos Inconfidentes, desejada pelos fundadores da nossa independência política, cogitada por quantos fizeram várias Constituições que nos regem a vida política, só foi possível tornar-se realidade, — e o Brasil inteiro sabe disso, tanto quanto sabe V. Exa. — graças ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. (*Palmas*).

O SR. PRESIDENTE (*Ranieri Mazzilli*) — Quero advertir ao nobre orador que seu tempo estará concluído dentro em 5 minutos.

O SR. RUI RAMOS — O meu argumento, relativamente a essa manifestação de ordem pessoal do nobre Deputado, está escrito aqui. E eu ia pronunciar-lo, afirmando que em Brasília não houve propriamente um plano construtor, houve mais do que isto, houve aqui um pensamento construtor. O que há de maior em Brasília, o que há de grandioso neste empreendimento, é que estamos dentro de um pensamento construtor, indiscutivelmente, inegavelmente comandado por essa figura jovem de estadista do momento histórico do Brasil, que é o Presidente da República, Sr. Juscelino Kubitschek (*Palmas*). Nem poderia cometer semelhante injustiça, o de não fazer esta declaração. Estamos dentro de um pensamento construtor, que se acha agora no começo do começo. Relativamente a Brasília, não estamos no princípio do fim. Estamos no princípio do princípio. E' daqui que vai afinal sair uma grande obra para o futuro do Brasil. Pelo menos é isto que nós, mudancistas, esperamos. E, no fim do meu discurso, modesto, (*não apotado*), improvisado mas apenas vivo pelo entusiasmo e a sinceridade com que falo, como mudancista realizado e ufano, — sou daqueles porque me ufano do meu país”, tese hoje condenada pelos modernos pensadores, mas que ainda adoto — queria dizer que, dentro desse pensamento construtor de Brasília, que agora vai começar daqui para o Brasil e para o futuro, desejava convocar agora o Bloco Mudancista da Câmara, e por sorte está me ouvindo o ilustre colega Deputado Emival Calado, Presidente do nosso Bloco (*palmas*) porque agora é que vai começar a nossa ação no coração do Brasil. Antes, a nossa luta foi de cooperação na construção de uma cidade. Agora, nossa colaboração vai ser na condução de um pensamento construtor no Brasil. Por isto, se tivermos uma tarefa útil e relevante ontem, deveremos orga-

— 37 —

nizar definitivamente o Bloco Mudancista em Brasília, para que ele possa ter, efetivamente, uma atuação eficiente e decisiva amanhã. Brasília não é uma cidade — seria ridículo fazer uma nova cidade no Brasil, no serbão construir mais uma metrópole, como metrópole. Brasília não vale como cidade, mas como coração deste país, com as funções cardíacas que esse órgão tem no organismo animal. Brasília precisa transformar-se num coração, produzindo todas as relações da irrigação do sangue neste país. Precisa ser um coração novo no centro geográfico desta Pátria, para ir a toda a capilaridade econômica deste país e despertar quem estiver dormindo e sacudir a descrença e exterminar o desajuste que há hoje entre a realidade do Brasil e certos elementos que resistem à aceitação de que somos hoje uma Pátria nova, afirmada e decidida para o futuro desta nação.

Meus caros colegas e eminente Presidente: tive a grande honra de ocupar a tribuna desta Casa, reatando aquele discurso da madrugada que pronunciei num fim de festa, quando deixamos a velha capital da República. Reato estes argumentos com fé, com segurança, com confiança, para pedir àquelles que brilhantemente combateram esse empreendimento, que nos dêem agora um crédito de confiança em Brasília. Enquanto ela não era uma realidade, admita-se o combate. Mas, agora, ela o é. Agora, ela está transformada na nova sede do Governo nacional, e meu apêlo é este: Dêem-se um crédito de confiança para Brasília, permitindo que este coração fun-

cione a todo sangue, e o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, com seus auxiliares, com todos nós do Parlamento, com a alta liderança intelectual e obreira do Brasil, realize efetivamente uma grande revolução econômica, daqui partindo para o futuro novos marcos da nossa civilização! (*Muito bem; muito bem, Palmas*).

O SR. NILO COELHO — Senhor Presidente, as Classes Produtoras de Pernambuco — é fora de dúvida de todo Norte e Nordeste, receberam com entusiasmo e alegria a indicação do nome do Engenheiro José Farani Pedreira de Freitas para continuar dirigindo no próximo quadriênio a Carteira de Crédito Geral do Banco do Brasil, com jurisdição da Bahia ao Acre. Foi uma acertada escolha da Magna Assembléa de nosso principal estabelecimento de Crédito e do Senhor Presidente da República, convocar novamente um homem público com as qualidades do eminente Diretor Pedreira de Freitas para prestar mais uma vez relevantes serviços ao Norte, ao Nordeste e ao país.

Um observador cuidadoso que anallse as cifras applicadas na Carteira de Crédito Geral, durante o último quadriênio, compreenderá as razões de se proclamar nesta Casa os méritos incontestáveis de um administrador esclarecido que se credenciou pelo esforço e pela ação efetiva como elemento dinamizador da economia do Norte e do Nordeste.

Aplicações

(saldos, em milhões de cruzeiros, no último dia útil de cada ano)

	1955	1956	1957	1958	1959
Empréstimos.....	2.666	3.250	3.550	3.446	3.849
Títulos descontados.....	3.214	5.103	5.362	6.555	9.472
TOTAL.....	5.880	8.353	8.912	10.001	13.321